

O ISLAM, RELIGIÃO SOB O VENTO POLÍTICO - I

Após relatar sucintamente a expansão árabe-muçulmana, é necessário acompanhar a evolução política e econômica dos diferentes estados surgidos do desmembramento do Império Otomano. Mas antes de analisar o processo de sua ascensão à independência e autonomia, é preciso debruçar-se sobre a efervescência interna da religião islâmica, desde a morte do terceiro califa Uthman até os tempos atuais. As inúmeras "interpretações" nascidas durante esses treze séculos, a progressiva politização do discurso religioso fornecerão alguma explicação para a gênese dos diversos conflitos existentes e dos riscos de agravamento que podem resultar do despertar da jihad, estimulada pelo ódio aos ocidentais, "satanases" responsáveis por todos os males e criadores do Estado de Israel, ao atribuir a ele os territórios sagrados do "Povo do Livro", reserva de caça do Islã.

A ATRIBUIÇÃO DO PODER

Múltiplos fatores permitiram a fragmentação dos muçulmanos em um número muito elevado de grupos mais ou menos importantes, reencontrando uma unidade aproximadamente razoável nas ações antijudaicas e anticristãs. Apenas os grupos territorialmente mais bem estabelecidos ainda existem atualmente. Os mais fracos foram ferozmente eliminados.

Para simplificar ao máximo, é possível, *a posteriori*, reduzir o número de causas do fracionamento a duas principais, inerentes à religião: a poligamia e o modo de designação do Chefe.

Desde o início, interveio a multiplicidade de esposas e concubinas. Os filhos do sexo masculino assim gerados, legítimos ou naturais, eram herdeiros de pleno direito. Somavam-se a eles os filhos adotivos. Cada um podia esperar suceder a seu pai...

Maomé, que sempre se colocou acima das regras por ele impostas a seus discípulos e administrados, teve onze a treze esposas e três concubinas. Ele, aliás, sempre soube legalizar sua escolha e silenciar as críticas usando uma "revelação divina" ocorrida oportunamente. Teve apenas filhas, mas adotou um menino, Zaid. Sua primeira esposa, a judia Khadija, deu-lhe uma filha, Fátima al Zahra, sua preferida. Ela se tornou mulher de seu sobrinho e primeiro convertido, Ali ibn Abu Talib. Seus companheiros mais próximos também se tornaram seus genros. Umar casou-se com Hafsa; Uthman casou-se com Ruqayya e, com o falecimento desta, desposou sua irmã Umm Kulthum. Maomé, em terceiras núpcias, casou-se com uma jovem muito nova, Aisha, filha de um omíada, Abu Bakr. Este último foi o primeiro califa. Sucederam-no Umar, Uthman e Ali... Todos tiveram esposas, concubinas e, conseqüentemente, muitos filhos do sexo masculino, todos descendentes do Profeta... O verme já estava no fruto!

A segunda fonte de lutas e divisões, multiplicada pelo efeito da poligamia, encontra-se no modo de transmissão do poder, religioso e temporal, por ocasião da morte do Califa. Nada tendo sido definido por Maomé, três métodos, que se tornaram tradicionais, apareceram imediatamente.

I - O novo chefe será O MAIS VALOROSO... O que se entende por esse termo? O valor depende da glória militar, do poder material, do conhecimento religioso ou da filiação em relação ao Profeta? Questões difíceis de resolver e multiplicidade de respostas...

II - Pensando nos Companheiros do Profeta, o segundo método fez ELEGER ou DESIGNAR o novo Chefe por um grupo mais ou menos importante de Notáveis, Chefes de tribos, grandes proprietários de terras, eminentes religiosos... etc., representando o espírito, o consenso da Comunidade dos Crentes. Para uma pequena Comunidade, solução fácil, mas as conquistas e as delegações de poder multiplicariam as dificuldades e os abusos.

III - O terceiro método fará intervir o Chefe antes de sua morte. Em vida, ele designará seu sucessor e terá tempo de colocar os opositores na linha. Muito rapidamente, com o vencedor de Ali, o poderoso governador da Síria, Muawiya, o poder tornar-se-á hereditário e o filho primogênito sucederá automaticamente. O sistema assim inaugurado pelos omíadas será seguido pelos abássidas e pelos otomanos... com interrupções; pois a violência será frequentemente usada como método decisivo!

Note-se que os quatro primeiros califas, sogro, genros ou parente do Profeta, foram reconhecidos como LEGÍTIMOS em sua sucessão cronológica e GUIADOS POR DEUS no bom caminho pela Comunidade islâmica da época. Lutas, divisões e rivalidades só começaram após a destituição de Ali por Muawiya.

Se Maomé e os três primeiros califas haviam mantido globalmente a unidade religiosa, já no Califado de Othman, sua vontade de impor a recensão corânica finalizada por Zayd ibn Thabit como o único Livro verdadeiro fez nascer um descontentamento precursor de crises muito mais profundas. Os primeiros distúrbios importantes eclodiram em 656 e terminaram com o assassinato do Califa.

Ali, primo e genro do Profeta, de quem havia desposado a filha Fátima, foi proclamado Califa no mesmo ano. Sua luta com Muawiya, a arbitragem realizada em Siffin em favor deste, provocou a fragmentação do Islã. Simplificando, distinguir-se-ão três categorias: a mais numerosa, agrupando os partidários do poderoso sírio Muawiya, ou Sunitas; os fiéis de Ali, que viam nele não apenas o Califa, mas também o chefe espiritual ou Imam, estes foram os Xiitas; e um certo número de intransigentes, partidários da guerra sem tréguas, os Carijitas...

Os Omíadas, que se queriam ao mesmo tempo chefes religiosos e temporais, tiveram que enfrentar a agitação xiita e as revoltas carijitas. Não eram totalmente aceitos pelos sunitas, que os acusavam de ter transformado o regime eletivo dos primeiros califas em uma monarquia hereditária e despótica. Trata-se de críticas emitidas sob o reinado posterior dos abássidas.

As revoltas religiosas, sempre acompanhadas de tentativas de posse territorial, continuaram. O filho mais velho de Ali, Hassan, tendo jurado lealdade ao califa sunita, os xiitas reconhecem seu irmão Husayn como Imam. As dificuldades criadas pela sucessão de Mu'awiya facilitaram o

desenvolvimento dos distúrbios. A insurreição de Husayn terminou brutalmente em Karbala em 680. Seu sucessor como Imam e líder dos xiitas, Ali Zayn al-Abidin, era ainda muito jovem. Muitos se voltaram para seu irmão por parte de pai, Muhammad al-Hanafiyya, um homem que desejava acima de tudo evitar a guerra civil. Mukhtar, um opositor dos omíadas, fez campanha em seu nome para vingar os mártires de Karbala. Derrotado, foi supliciado no início de 687. Sua derrota não comprometeu em nada Hanafiyya, cujas teorias resultaram na criação de uma nova escola ou seita, o Murjismo, que dissociava as obras da fé, deixando a Deus o cuidado de reconhecer os seus. Com a morte de al-Hanafiyya, os partidários de Mukhtar se dividiram. Uns admitiram a ocultação do Imam e o adoraram como Mahdi (Guia Supremo); outros reconheceram como Imam seu filho Abu Hashim. Com sua morte, seus fiéis se dividiram entre várias seitas que apelavam ao "encarnacionismo" ou à metempsicose, como existe atualmente entre os drusos do Líbano.

Uma grande revolta xiita eclodiu em 740, mas foi sufocada em sangue pelo poder sunita. Outra, reunindo todos os descontentes, ocorreu quatro anos depois e sofreu o mesmo destino. Duas observações devem ser feitas. Primeiro, os líderes religiosos mortos são, desde sua morte, na maioria das vezes considerados Mahdi... aguardado por seus partidários; segundo, os Imames sucessivos dos xiitas não participaram das insurreições. Todos eles, até o sétimo, Musa al-Kazem, morto em 799, foram homens piedosos, dedicados à transmissão de dados sobre a vida do Profeta e de seus primeiros companheiros.

Os kharijitas também se fracionaram em quatro grandes movimentos. Eles se opuseram vigorosamente ao poder califal e chegaram a se espalhar pela Berbéria. Esmagados sem piedade, revoltando-se novamente, as diversas tendências lutaram de 680 a 748. Finalmente, a calma e a unidade do Império foram restabelecidas.

O fim dos omíadas viu o aparecimento dos mu'tazilitas. Autodenominando-se "Gente da Justiça e da Unicidade (de Deus)", eles afirmaram a existência de uma ordem querida por Deus, que só quer o bem e deixa o homem livre, responsável por seus atos, portanto, pelo bem e pelo mal. Defensores ferrenhos do Islã, eles reforçaram a noção de "Comando do Bem e Proibição do Mal", pregando a luta violenta contra os líderes culpados e os opositores da verdadeira doutrina...

Os abássidas (750-1050) já haviam começado sua ação para conquistar o poder. Muito cedo, o filho de Abbas, tio do profeta, optou pelo partido xiita em Siffin... O homem que intensificou a luta era um iraniano, Abu Muslim al-Khurasani, iniciado em sociedades secretas. Não encontrando um descendente de Ali, ele recorreu aos abássidas. Ele adotou, em face da cor branca dos omíadas, a cor preta, a da vestimenta do Profeta quando de sua entrada vitoriosa em Meca em 630. A revolta eclodiu em 747, durante o Ramadã. O apelo foi lançado em nome de toda a família do Profeta, os hachemitas, descendentes de Ali e Abbas, bem como em nome da reconciliação comunitária. A oposição foi significativa na Síria, no Hejaz, no Iraque e se transformou em secessão na Espanha. Abu Muslim livrou o poder dos revoltosos do Iraque e até mesmo de uma insurreição xiita no Turquestão. Finalmente, tornando-se poderoso demais, foi assassinado por ordem do Califa e tornou-se para seus partidários um Mahdi. O líder abássida eliminou os extremistas e conteve uma forte revolta xiita na Arábia e no Iraque. Uma dura política repressiva quebrou politicamente o xiismo.

Foi no início do reinado abássida que ocorreu o nascimento da seita ismaelita. O sétimo Imam, morto em 799, era apenas o filho mais novo de Isma'il, morto prematuramente. Um certo número de xiitas considerou que o Imamat continuava na linhagem deste último; foram os ismaelitas ou setimanos. Posteriormente, a seita se dividiu em vários ramos de acordo com o Imam reconhecido.

AS ESCOLAS SUNITAS

O Califa al-Mansur teve que combater e reduzir novamente uma insurreição kharijita na Ifríquia berbere. Ele também eliminou um partido iraniano com afinidades maniqueístas e perigoso para o arabismo.

Apesar de um período calmo, o poder desencadeou uma grande perseguição oficial em 782, para realizar a unificação religiosa no Sunismo. Os "brancos" se revoltaram quatro anos depois. A repressão teve como consequência a fuga para o Magreb, através do Egito, de Idris ben 'Abd Allah, que fundou no Marrocos a primeira grande dinastia.

Apesar de algumas submissões honrosas, o xiismo manteve seu brilho religioso e literário. Al-Rashid teve que enfrentar uma nova revolta kharijita no Coração afegão. A calma só voltou sob seu sucessor.

Por volta de 814, os teólogos xiitas definiram sua doutrina, dando à teoria do Imamat o lugar central que ainda ocupa. Paralelamente, os Doutores Sunitas, há mais de um século, redigiam sua literatura doutrinária. Dois de seus primeiros mestres viveram em parte sob os omíadas: Abu Hanifa e Malik, morto em 795. É justo constatar que raras são as obras cuja autenticidade possa ser admitida sem contestação. Hanifa é considerado o teórico da livre opinião, fazendo da estimativa pessoal (a razão individual) uma das fontes de sua doutrina, o que relega a Sunna a segundo plano, mas facilita a manutenção da unidade comunitária. Malik parece ter sido muito mais severo em relação aos cismáticos. Ele também usou amplamente o julgamento pessoal através da noção de interesse.

Foi entre os discípulos de Abu Hanifa que o Califado recrutou seus principais cádis.

Al-Shafi'i (767-820), terceiro grande pensador sunita, realizou um estudo sobre os fundamentos do direito. Ele valorizou claramente o papel do Alcorão e da Sunna. Ele limitou o ijma (consenso) obrigatório ao dos teólogos, recusando-se a pedi-lo a toda a comunidade. Ele concedeu um amplo espaço ao raciocínio. Ele propôs um método analógico para resolver as divergências que opunham os Doutores da Lei e preparar uma reunificação doutrinária. Além disso, afirmou-se preocupado em limitar o arbítrio governamental.

O quarto, mas sem dúvida o mais importante, foi Ahmad b'Hanbal (740-855). Sua obra, como a de Al-Shafi'i, foi realizada sob os abássidas. Ele conseguiu passar pela perseguição do Califa Al-Ma'mun. Em sua obra muito popular, ele elaborou uma doutrina destinada a ocupar uma posição central na história religiosa e política do Islã, principalmente de 861 a 945, ano da ascensão dos Emires xiitas Buídas. Sua teodicéia afirma com vigor a necessidade de não transgredir os dados do Alcorão e da ciência das tradições (hadith). Ele recomendou apegar-se à Sunna. Embora condenando vigorosamente os cismáticos, na prática ele se limitou simplesmente a excluir os

perturbadores da Comunidade, recusando-se a julgar as consciências, o que só Deus é capaz de fazer.

Uma verdadeira reviravolta neste século IX foi a nomeação pelo Califa Al-Mamun do oitavo Imam dos xiitas, Ali al-Rezâ (770-818), a quem fez casar com sua própria filha. Abandonando o estandarte preto, ele assumiu a cor verde dos álidás. O Califado saiu consolidado pela união de todos os hachemitas. (Esta decisão abriria ao xiismo a porta do poder). A reação foi muito violenta no Iraque. O oitavo Imam morreu prematuramente e o Califado voltou à cor preta, mantendo boas relações com os álidás, apesar de uma retomada dos distúrbios. Nova mudança, por razões políticas e religiosas, o Califa concedeu seu apoio aos mu'tazilitas. Além dos princípios já mencionados, os teólogos desta escola tentavam conciliar sua dogmática com a filosofia grega, cujas primeiras traduções acabavam de ser realizadas.

Em 877, o Califado proclamou um dogma mu'tazilita como doutrina de Estado. Abriu um grave cisma e, para impô-lo, organizou uma inquisição governamental que, na lógica implacável do "Comando do Bem", foi uma verdadeira perseguição. Muitos Doutores da Lei e Teólogos se submeteram. Um certo número resistiu, entre eles Ahmad b. Hanbal. Algumas insurreições foram rapidamente reprimidas e a perseguição continuou. Seguiu-se uma reação sunita profunda e duradoura. O mu'tazilismo foi a primeira vítima, mas o Xiismo também sofreu o contra-ataque.

Foi sob o Califado de Mutawakkil (847-861) que os tradicionalistas recuperaram sua preeminência através de Hanbal e de um de seus eminentes discípulos - Abu-l-Hasan al-Ashari, morto por volta de 935. Primeiramente mu'tazilita, al-Ashari tornou-se sunita. Sua doutrina obteve grande sucesso por assumir uma forma transacional, uma tentativa de conciliação e síntese entre o mu'tazilismo e o sunismo, que seria muito influenciado por ela.

Esse Califa Mutawakkil reforçará a tutela dos muçulmanos sobre os Cristãos que viviam em terra do Islã. Apesar do que o Alcorão possa alegar, o direito de hospitalidade privilegiada (dhimma) era uma forma de humilhação. Querendo agravar a coerção, o Califa, sensível às influências iranianas, inventou as distinções vestimentárias: rodela amarela para os Judeus, azuis para os Cristãos - ainda usadas pelos Coptas no Egito -, marrons para os Mazdeístas assimilados aos Povos do Livro.

O reinado dos Emires Buídas viu o desenvolvimento da escola acharita, muitas vezes em simbiose com o sufismo e, por vezes, com um sufismo mais ou menos esotérico. Aliás, um de seus teóricos, al-Baghdadi (morto em 1037), em sua crítica acerba às heresias, poupou o sufismo, cujos adeptos, para ele, eram todos sunitas. Outros acharitas vincularam o sufismo aos primeiros Califas e o identificaram com sua doutrina.

DO SUFISMO ÀS CONFRARIAS

Era normal e prudente para os Religiosos e Teólogos do sistema evitar qualquer crítica ou ataque muito violento contra o Sufismo.

Sua origem remonta ao primeiro século da Hégira. Apareceram nessa época homens piedosos, verdadeiros ascetas, orgulhosos de sua pobreza, desprezando tudo o que não fosse o dever e o culto a Alá, ensinando que o prazer e a dor não existiam. Receberam o nome de "fakir", no plural

"fokra", derivado de "el Fokr", a pobreza. Agindo individualmente, foram aos poucos estabelecendo laços entre si. Finalmente, realizaram reuniões e o nome "sufi" substituiu o de "fakir".

Foi assim concretizado, pouco antes do início do século VIII, o nascimento do SUFISMO, cujo objetivo é assim resumido: *"A confissão da unidade de Deus, mais acessível pela pobreza do que por qualquer outro caminho"*. Seu ensino começou nas Mesquitas.

Em 287 da Hégira, ou seja, por volta de 899, morreu Abou Saïd Ahmed el Kerraz, dito Cheikh dos Sufis. Isso implica o reconhecimento oficial da Confraria. Um famoso sufi egípcio, morto por volta de 860, Dhû-l-Nûn-al-Miâri, teria introduzido ali a gnose e composto os primeiros tratados de esoterismo. Foi Abou Hamza Mohammed Ibrahim, morto em 901, quem definiu publicamente a doutrina, a priori em Bagdá. El Eponeïdi, por um lado, e Al-Jumaid, morto em 910, por outro, contribuíram para a construção do sistema de teosofia mística que serviria de base para todas as especulações posteriores.

O Sufismo aparece essencialmente como um princípio de vida conforme à "Lei", cujas prescrições rituais encontram sua coroação em "virtudes" como a verdade e a sinceridade consigo mesmo e com o outro. Essas "virtudes" não têm nada em comum com as "Virtudes" da Religião Católica ou com a busca, explicação e testemunho da Verdade-Revelada.

De Bagdá, a irradiação se estendeu por todo o Crescente Fértil, na Arábia e no Egito. Saladino, morto em 1193, fundou ele próprio um mosteiro sufi. A extensão alcançou o Norte da África e depois a Espanha. Na outra extremidade do império, os Sufis fizeram muito pela islamização de uma parte da Pérsia e do Norte da Índia. De fato, Mohammad b. Karram, morto em 869, permaneceu muito tempo no Khurasan oriental e ali fundou uma das primeiras confrarias.

As confrarias. Em menos de um século, colaborando com os defensores da Sunna, os Sufis definiram o núcleo duro da ortodoxia muçulmana. Em 682, em Meca, fundaram a mais antiga ordem religiosa ortodoxa conhecida.

O desenvolvimento das Ordens ou Confrarias derivadas do Sufismo será intenso, mas, senão clandestino, ao menos oculto.

Essas Confrarias estabeleceram o rigor de sua doutrina, dando-lhe uma origem sagrada. Fizeram remontar o nascimento da doutrina, por uma sucessão de sábios doutores, até o Profeta.

A partir deste, houve duas cadeias: uma (sunita) por seu cunhado e Primeiro Califa Abu-Bakr; a outra (duodecimana) por sua filha Fátima al Zahra e o esposo desta, Ali ibn Abu Taleb, Primeiro Imã dos Xiitas. Elas chegam aos Chefes de Ordens atualmente em função. De Alá a Maomé, por intermédio do anjo Gabriel, os fundadores das Confrarias receberam "a baraka", a bênção que lhes conferiu uma parcela da essência divina...! Todos os Chefes de Ordens sucessores a receberam por transmissão hereditária. No Islã, o poder sobrenatural do Santo – por qual tribunal essa santidade é estabelecida? – transmite-se à sua posteridade e aos seus descendentes mais distantes. Isso pode ser uma explicação para a usurpação por Khomeini do título de "sayyid", descendente do Profeta.

Principais confrarias ou Ordens maiores, criadas nos primeiros seis séculos da Hégira, das quais todas as outras se originam por cisão:

Os **CHADELIYA** para os Estados bárbaros, Norte da África, Tripolitânia, Hedjaz... Os **KHELOUTIYA** para o Egito e a Turquia Europeia (Ordens que praticam assiduamente o retiro). Os **NAKECHABENDIYA** para a Turquia Asiática, Ásia Central e Extremo Oriente. Os **SAHARAOURDIYA** para o Irã. Os **QADRIYA** sem zona geográfica delimitada. Foram fundadas no século XII por um persa, Sidi Mahi de Djilan, próximo a Bagdá.

ESTRUTURA TIPO de todas as Ordens:

DIREÇÃO:

No topo, o sucessor espiritual do fundador – a designação é feita ainda em vida do Mestre em exercício – o *Cheikh Trika*, General da Ordem; em seguida, o *Khalife el ouerd*, o tenente da vida. Nos países distantes do centro, são nomeados suplentes ou *Naib*. Existem também espécies de dignitários, os *Mogaddem*, que recolhem as esmolas e podem iniciar os neófitos, conferindo "o *ouerd*".

Os Iniciados chamam-se *Khouan* e incluem numerosas mulheres. Devem obediência absoluta aos *Mogaddem*, ao *Khalife* e ao *Cheikh*. São obrigados a praticar entre si uma solidariedade e uma devoção sem limites. Devem exaltar as confrarias a que pertencem.

Os *Khouans* distribuem-se em três graus. O mais baixo, reservado à grande massa, obriga apenas a receber e recitar a Ladainha da Ordem, o que basta para lhes assegurar o Paraíso após a morte.

OBRIGAÇÕES RELIGIOSAS: São estritas e incluem:

A **Esmola**, *ziara*, verdadeira contribuição recebida regularmente e que constitui um enorme tesouro em certas confrarias, como os Senoussya.

O **Retiro**, *el kheloua*, cópia vaga daquelas praticadas na Igreja Católica.

Todas as Ordens muçulmanas possuem espécies de conventos cuja denominação varia conforme a localização geográfica: na Turquia *TEKKIE*, na Ásia Central *KALENTERKHANE*, na Índia *KHANCAH*, no Egito *KHAOUANAK* e na África *ZAOUIA*.

As **Orações** são de dois tipos: "o *ouerd*", breve invocação redigida pelo fundador ou seus sucessores, "l'hezb" é um livreto completo, geralmente longo, composto por versículos do Alcorão e escrito pelo Chefe da Ordem.

A Ladainha, *dhikre*, é específica de cada ordem. Em comparação, se o crente comum recita em seu rosário de 99 contas os 99 atributos de Alá, para os *Khouans*, a repetição da palavra Alá ou de uma frase breve como a *shahada* deve ser feita duzentas mil ou três mil vezes.

Existem dois tipos de *dhikre*: um para todos os dias e outro para sextas-feiras e grandes cerimônias religiosas.

Na maioria das vezes, ao recitar o *dhikre*, o *khouan* balança de forma rítmica e acelerada. Isso resulta em uma congestão do sistema cérebro-espinhal, somada a uma tensão mental extrema

produzida pela concentração e convergência das faculdades intelectuais na única ideia de Alá. Surgem assim **FENÔMENOS DE HISTERIA**. Em algumas ordens, a duração dos exercícios, acompanhados por tambores e flautas, aumenta a **SUPEREXCITAÇÃO** dos participantes.

AS CONFRARIAS E O HOMEM. Na divisão do conjunto da humanidade, as Ordens delimitam duas categorias:

DAR EL ISLAM, o país da segurança, compreendendo:

- Os Muçulmanos ou Verdadeiros Crentes,
- Os *Dhimmi*, súditos cristãos, judeus ou pagãos dos soberanos muçulmanos,
- Os *Moustemiin* (credenciados), estrangeiros de passagem em missão;

DAR EL HERB, o país da guerra, do infiel, da perdição, do inferno, onde vivem os *Horbi* (inimigos).

As Confrarias, Hierarquia e *Khouans* permaneceram sempre **INDEPENDENTES** dos poderes instituídos.

Não foi o mesmo no islamismo corrente.

Em seu topo encontrava-se o Califa, chefe de governo e, em princípio, chefe supremo da religião. Ele delegava aos *Ulémas*, homens piedosos de costumes austeros, suas atribuições religiosas e judiciais. Mas o verdadeiro poder religioso era detido pelo Xarife de Meca, cuja nomeação devia receber a aprovação do *Sheikh* do Islã, ele próprio designado pelo Califa. Os *Ulémas* tinham a possibilidade de se opor ao poder deste último ao emitir uma *fetwa*, uma decisão solene que se impunha aos Crentes. Dentro dos *Ulémas* formou-se uma espécie de hierarquia: Imames, Muftis, Cadis... etc.

Aos poucos, os *Ulémas* tornaram-se instrumentos do poder e seu chefe, o *Sheikh* do Islã, o funcionário número um.

Na verdade, não houve por muito tempo uma estrutura unitária, verdadeira e sólida; os governos fortes logo arrogaram para si o poder religioso.

Já em 1230, o Sultão do Marrocos, território onde os Árabes nunca penetraram, era reconhecido como o Califa, Comandante dos Crentes, de toda a região.

A partir do século XVII, o Imame de Mascate afirmou-se como chefe religioso dos Mozabitas e dos Muçulmanos da África Central e Meridional.

Na Pérsia, embora o Xá pudesse nomear um Xequê do Islã, o poder religioso era detido, para os iranianos e muçulmanos da região, pelo Mujtahid de Bagdá, cujo último, falecido em 1893, não foi substituído.

O golpe final foi desferido pelo General Mustafa Kemal, instituidor da República laica turca, que suprimiu o Califado em 1924.

A desagregação do poder religioso continuou até os dias atuais. Ela favoreceu os pseudo-teólogos e as ambições de certos homens que sonharam ou sonham em ser os reunificadores do mundo árabe. A unidade dos árabes-muçulmanos e de seus correligionários está além das fronteiras e dos interesses materiais.

Ela está nas mãos da única verdadeira autoridade islâmica existente, a das Irmandades, verdadeiras "sociedades secretas" que cobrem com suas redes o conjunto da Umma.

No mesmo período em que nascia o sufismo e se desenvolviam os arquétipos das diversas Ordens, o poder califal conduzia vigorosamente a luta contra o xiismo.

O X Imam 'Ali al-Hadi terminou seus dias em residência vigiada. Vários mausoléus imamitas foram destruídos. A morte do Califa abriu um período de nove anos de anarquia. Distúrbios eclodiram no Iraque com a participação de sufis pela primeira vez. O XI Imam dos xiitas, também internado, morreu em 868. Por rancor do tráfico de negros, um Alida conseguiu sublevar os escravos importados na Baixa Mesopotâmia. Os Zanj resistiram de 869 a 883. Sem influência religiosa, a revolta criou muitas dificuldades ao poder, assim enfraquecido: os egípcios aproveitaram para anexar a Síria; o Governador dos territórios do sul da Pérsia tentou apoderar-se do Iraque para constituir um reino. Após uma feroz repressão, tudo voltou à ordem.

Muito mais séria foi o surgimento de um emirado xiita zaidista no Tabaristão, no norte da Pérsia, em face dos Safáridas encarregados pelo Califa de combater as manobras xiitas. O Emirado durou de 864 a 900. Nessa data, foi anexado ao estado sunita dos Samânidas, e depois reconstituído em 914. Da mesma forma, antes do fim da revolta dos Zanj, Yahya al Hadi fundou uma dinastia xiita zaidista no lêmén, a dos Bassidas, que se manteve de 850 a 1281. Uma ressurgência ocorreu mais tarde, em 1592, com os Imames qasemidas ou de Sanaa. Al Hadi foi um dos doutrinários dessa variante xiita. Ele deixou, como o sunismo e o mu'tazilismo, a designação do Imam ao livre arbítrio da comunidade... reservando-a aos descendentes de Fátima, que a reivindicaram lançando o apelo à insurreição (da'wa) e pegando em armas (jihad). Ele considera que Ali foi nomeado Imam mais por seus méritos pessoais do que por investidura religiosa, o que é uma heresia para os duodecimanos. O Zaidismo dividiu-se em vários ramos conforme a escolha da hereditariedade requerida, pois Ali teve outras esposas.

Os ismaelitas, por sua vez, se levantaram contra o Califado e os Samânidas. Eles se dividiram em duas seitas rivais reconhecendo como Mahdi, uma, os Carmatas, o filho de Ismail, Muhammad, a outra, os Fatímidas, um descendente desse mesmo Muhammad. Os Fatímidas, que mais tarde foram os senhores da Ifríquia e do Egito, tinham sua pátria na Síria.

A revolta dos Carmatas, tão cruel quanto a repressão sunita, durou de 902 a 908. De seu centro no Bahrein, eles partiram novamente para a guerra em 914, invadiram o Iraque, subiram até Mossul e, em 930, tomaram Meca. Retiraram-se levando a Pedra Negra, que só devolveram em 951. Durante esse período, os missionários ismaelitas, apesar das execuções, penetravam no Coração e na Transoxiana...

Os xiitas encontraram protetores em duas pequenas dinastias contemporâneas. Uma árabe, os Hamdânidas, cujo antigo Emir apoiara a revolta dos Cáríjitas; a outra persa, os Buídas, cujo

fundador era chefe de bando na região de Shiraz. No entanto, os Califas continuavam a defender o sunismo, mas as intrigas pretorianas e as dificuldades financeiras os atrapalharam consideravelmente. Foi pelo interior da administração, chancelaria e exército, que o Califado foi vencido pelos Imamitas. O Vizir desempenhava o papel principal e, conforme suas próprias afinidades, favorecia o xiismo ou reprimia ferozmente suas manobras. Por sua vez, os Hanbalitas se insurgiram e foram condenados em 935, sem se acalmar. Finalmente, o Emir dos Buídas entrou em Bagdá em 945. Reconhecido e nomeado Sultão pelo Califa, ele o depôs para substituí-lo por um homem inteiramente devotado a si. O Califado sunita continuava oficialmente.

Nesses períodos conturbados, o Sufismo aumentou sua audiência. Al-Junaid (morto em 910) construiu o sólido sistema de Teosofia mística que serviria de ponto de partida para as especulações posteriores. Através desse pensador, o sufismo aparece essencialmente como um princípio de vida conforme à Lei, cujas prescrições rituais encontram seu coroamento em "virtudes" como a verdade e a sinceridade consigo mesmo e com o outro, o que não tem nada a ver com as Virtudes da religião católica e com a busca e o testemunho da Verdade.

Apesar de graves distúrbios, os Buídas fizeram o possível para expandir o xiismo. Eles impuseram em 962 a celebração oficial das duas grandes festas xiitas, a designação de Ali por Maomé (Ghadir Khumm) e o martírio de Hussein em Karbala (al-Ashura). Os xiitas da Tunísia invadiram o Egito por dois séculos. Prova de sua desunião, os xiitas carmatas, obedecendo ao Sultão buída, tentaram, sem sucesso, retomar o Egito. Em 974, a oração xiita ismaelita era feita em nome dos Fatímidas em Damasco, Meca e Medina.

Os militares turcos, por sua vez, tomaram o partido dos Sunitas. Seu chefe Subuktiquim apropriou-se de Ghazni, no Afeganistão, e de parte do norte da Índia, assumindo o comando do território gznávida. Ele se apresentou sempre como defensor do Califado e do Sunismo.

Os xiitas conseguiram depor o Califa abássida em 991 e substituí-lo por uma personalidade mais flexível; além disso, Al-Hakim, o Califa do Cairo, estendeu sua autoridade sobre a Alta Mesopotâmia, destruindo, no mesmo impulso, os Lugares Santos Católicos (1008). Finalmente, um *modus vivendi* estabeleceu-se entre as duas comunidades muçulmanas em 1012.

RETORNO AO SUNISMO COM OS TURCOS

Foi em 1019 que ocorreu uma brusca inversão de tendência. O sunismo tradicionalista de Ahmad b. Hanbal tornou-se o "Credo" oficial do Estado. Ao mesmo tempo, seja por loucura ou orgulho, o fatímida Al-Hakim fez-se reconhecer por seu círculo extremista como encarnação da divindade. Foi assim que começou a seita dos Drusos, que se estabeleceu fortemente na Síria. A partir de 1043, o poder fatímida declinou tanto no Magrebe quanto na Síria. Os últimos abássidas viam crescer o poder dos turcos seljúcidas, senhores do norte da Pérsia. O último emir buída foi detido pelas tropas do sultão Tugrilbegue em 1055, durante a tomada de Bagdá. Uma revolta xiita terminou em sangue. Em 1063, morria o último califa abássida, enquanto os seljúcidas detinham o poder desde 1050, por intermédio do Grão-Vizir Al-Mulk, que morreu em 1092.

Fazia quase um século que os xiitas tinham a preponderância política. Os ismaelitas puderam concluir a redação de uma obra que estabelecia as bases de uma verdadeira doutrina de Estado.

Apesar disso, o desenvolvimento do Sunismo continuou eficazmente. Os teólogos hanbalistas trabalharam muito: comentários do Alcorão, condenação das seitas rivais e de toda forma de teologia especulativa. De modo geral, eles pouparam o Sufismo, exceto um de seus ramos que pretendia dispensar seus fiéis das obrigações legais e aqueles que preconizavam a prática da mendicância.

Um teólogo sunita da Espanha, Ibn Hazm, morto em 1064, escreveu então um tratado apologético e heresiográfico para demonstrar a superioridade da religião muçulmana como um todo sobre o Judaísmo e o Catolicismo, por um lado, e, por outro lado, dentro do Islã, a superioridade das pessoas da Sunna em relação aos fiéis das outras seitas, agrupadas pelo autor em quatro principais: os murjitas, os mu'tazilitas, os xiitas e os carijitas. Afirmando a obrigação de o Direito se fundamentar exclusivamente no Alcorão e na Sunna, exigindo que os Doutores se ativessem ao sentido aparente, portanto imutável desde Uthman: tudo o que não é formalmente proibido é considerado lícito!

AVICENA

Seria para responder à audiência do mu'tazilita Ibn Sînâ, o Avicena dos europeus? Nascido entre 980 e 985, viveu na Pérsia em um meio impregnado de tradições mazdeístas e xiitas. Estudou química, medicina e astronomia. Os cargos que ocupou junto a personalidades permitiram-lhe adquirir conhecimento dos autores gregos, Euclides, Porfírio, Aristóteles... Seu ensino encontra-se naquele ministrado em Viena e Frankfurt no século XVI. É preciso refletir um pouco sobre seu pensamento.

Seu esoterismo conduz ao ocultismo moderno... Mas o resumo de sua teoria sobre a iniciação dos Profetas merecerá atenção, pois explica muito bem o poder de homens como Khomeini.

O Deus de Avicena, embora sempre "Uno em Si mesmo", parece diferente do Deus de Maomé, Deus todo-poderoso, Criador absoluto ex nihilo. Ele teria desejado a emanção do mundo a partir de um Ser primeiro necessário. Essa emanção teria se realizado em ondas sucessivas descendentes, implicando uma hierarquia de realidades intermediárias espirituais. O intelecto humano pertenceria ao último nível e seria chamado a remontar ao primeiro princípio.

Os Anjos, dos quais alguns foram citados pelo Alcorão, intermediários entre Deus e o Profeta, não parecem necessários para Avicena. Os Profetas, seres superdotados, são por natureza aptos a receber a revelação divina, a entrar em relação direta com o fluxo criador necessariamente efundido do Ser primeiro...

Os Sábios e os Santos poderão, pela dupla purificação moral e intelectual – o que Avicena fez por meio de suas pesquisas em ciência experimental, medicina, astronomia, química – retornar, remontar ao mundo dos Inteligíveis de onde vieram, penetrar na "Cidade dos Anjos", cara à tradição esotérica muçulmana, e participar então do conhecimento intuitivo do Universal.

Como os profetas, os Sábios e os Santos poderão adquirir um poder supranormal, mágico sobre a matéria exterior; fazer milagres, provas de sua missão... Além disso, o profeta, graças ao que Avicena chama de "virtude imaginativa" possuída com perfeição, poderá ver e ouvir a "potência

efundente"... Posto diretamente em relação com as Almas Celestes, com a Inteligência, receberá a inspiração dos dogmas religiosos, das prescrições positivas concernentes aos atos de culto e às leis jurídicas. Esse estágio poderá ser alcançado pelo Sábio e pelo Santo, mas somente o Profeta poderá ser o legislador político-religioso da Cidade dos Homens...

Naturalmente, Ibn Sina-Avicena afirmou a superioridade indiscutível da religião muçulmana. Fez de seus adeptos ardentes defensores da Lei de Maomé, "superior à de Moisés ou de Jesus, as quais eram superiores às dos Gregos". Avicena morreu em 1037.

O reinado dos seljúcidas permitiu o fortalecimento da implantação sunita. Se alguns Vizires favoreceram a escola acharita, hanafitas e hanbalitas não foram esquecidos. Foi a época da construção de escolas religiosas (madrastas) muito importantes. Além disso, os Doutores sunitas que reivindicavam a purificação da moralidade pública... e da moeda obtiveram satisfação por volta de 1085.

A guerra contra os ismaelitas fatímidas do Cairo havia recomeçado em 1071, ano da derrota dos bizantinos em Mantziquerta. A reconquista sunita da Síria terminou em 1076, com a tomada de Damasco, mas a unificação religiosa permaneceu muito imperfeita.

Um novo período de confusão começou. Os chefes seljúcidas disputavam o poder. Os ismaelitas fatímidas do Egito separaram-se em duas seitas de forma violenta. Com a morte, em 1094, do Califa do Cairo, os partidários de seu filho mais velho, Nizar (nizáris), e os fiéis do filho mais novo, al-Mustali (mustalianos), imposto como Califa pelo Vizir em exercício, se despedaçaram mutuamente. Um fiel de Nizar havia preparado uma base de retirada, antes do colapso da dinastia, apoderando-se da cidadela de Alamute, nas montanhas ao sul do Mar Cáspio. Ao mesmo tempo, a primeira Cruzada católica obtinha sucessos e agravava a bagunça. O apelo ao jihad contra os Cristãos não foi ouvido! Os nizáris de Alamute lançaram-se, a partir de 1090, em um terrorismo de grande escala. Organizados em uma seita chamada fida-wiya, obedeciam a um Grão-Mestre. Foi necessária uma repressão sangrenta e milhares de mortos, principalmente na Síria, para conter seu movimento. No entanto, Alamute conservou sua independência religiosa e militar até aproximadamente 1270.

Em meio a essas perturbações que sugeriam o enfraquecimento dos Seljúcidas, os sunitas, cada vez mais influentes, tentaram restaurar o poder abássida. O Vizir Ibn Eubavia, falecido em 1165, foi o zeloso instigador disso, buscando até mesmo unir aos sunitas os xiitas moderados. Ele tentou restaurar a unidade muçulmana em torno do "Credo" dos Antigos, colocando as quatro escolas sunitas em pé de igualdade. Seus escritos tiveram uma enorme difusão na Umma...

O opositor vitorioso da Segunda Cruzada, o turco Nur al-Din, liderou simultaneamente a luta contra os cristãos e o restabelecimento do poder. Sunita hanafita, ele fundou em Damasco uma escola para o ensino da tradição. Ele criou uma espécie de tribunal de apelação do Direito que, sob sua presidência, reunia jurisconsultos das quatro grandes escolas sunitas. No entanto, a escola ash'arita contou com melhores teólogos, como, por exemplo, Al-Kiya al-Harasi, falecido em 1110, e, sobretudo, Abu Hamid al-Ghazali (1058-1111).

Ele era muito famoso. Iniciado cedo no sufismo, praticou-o pelo menos até 1105, ano em que lhe foi confiado um cargo de professor em uma escola importante. Sábio jurisconsulto, ele afirmou a primazia do Alcorão, da Sunna e do Ijma de toda a Comunidade. Ele admitiu o raciocínio analógico para a atualização da Lei... Foi um sufi respeitador desta, e das grandes obrigações culturais que ele se recusava a separar do temor e do amor a Deus. Ele critica o Ismaelismo. Embora tenha condenado a filosofia, foi muito moderado em relação a Ibn Sina.

Para a designação do Califa, Ghazali apresentou uma solução intermediária, de espírito tolerante, para evitar conflitos entre as diversas tendências. Minimizando a importância do Imamato, centro da doutrina xiita, ele pregou a compreensão e até mesmo o entendimento, desde que os princípios essenciais da religião fossem respeitados. Mas que autoridade reconhecida por todos seria capaz de defini-los? Tratava-se principalmente de reunir a Comunidade em torno do Alcorão e da Sunna.

Os hanbalitas se defendiam como podiam. Um deles, Al-Ansari, falecido em 1089, escreveu o primeiro tratado de sufismo adaptado às suas ideias. Finalmente, o poder deu satisfação ao conjunto sunita, nomeando uma espécie de inquisidor oficial para sua defesa.

No Norte da África, o Sunismo de 1063 a 1180 também fez progressos substanciais. Foi após uma peregrinação a Meca de seu chefe que ele se implantou na tribo nômade do Saara Ocidental, os Sanhajas, guerreiros velados. Por recomendação, um evangelizador sufi, da escola maliquita, o Xequie Abd Allah b. Yasin, foi fornecido à tribo para converter as populações da Mauritânia. Ele ensinou antes de tudo as prescrições do Alcorão e da Sunna, e aplicou as sanções previstas pela Lei. Fundou o movimento dos Almorávidas. Morreu em combate ao conquistar o Sul Marroquino, na região de Casablanca e Salé... Yusuf b. Tashufin unificou o território, do Sul Marroquino até Argel (1082). Os poucos xiitas existentes foram massacrados...! Um outro marroquino, Ibn Tumart, havia ido à Síria para estudar. Impregnado de Hanbalismo após uma longa estadia em Bagdá, iniciado no Imamismo e até no Ismaelismo, retornou em 1118 ao seu país. Reformador severo, preconizando o retorno às fontes do Islã, propôs uma doutrina para realizar a unidade da Comunidade... em torno de um homem. Seu primeiro discípulo, um jovem berbere Abd-al-Mu'mín, tornou-se o protegido de um Xequie da montanha. Ibn Tumart, apresentando-se então como o Mahdi, convocou as populações do Atlas à revolta contra os Almorávidas... Foi Abd-al-Mu'mín quem conseguiu tomar o poder. Seus partidários, os Almóadas, conquistariam todo o Magrebe e a Ifríquia (Tunísia). Seu filho Abu Ya'qub levou a dinastia ao seu apogeu. A unidade sunita, no entanto, não conseguiu se implantar realmente. O particularismo das tribos berberes ou árabes se manteve, assim como o apego ao maliquismo e ao sufismo popular.

Durante essas peripécias, na Síria, o comandante das tropas do Califa Nur al-Din, o curdo aiúbida Salah al-Din (1138-1193), havia suplantado o seljúcida de Damasco. Pondo fim ao desastre cristão da segunda cruzada com a tomada de Jerusalém em 1187, ele fez, por outro lado, vigorosos esforços para fortalecer a audiência do sunismo tradicionalista. Suas origens o levaram a favorecer mais o shafiismo, o ash'arismo e o sufismo. Não podendo subjugar os ismaelitas da Síria como havia feito com os do Cairo, ele praticou com eles uma política de compromisso para manter as mãos livres em relação aos Cruzados. Um de seus sucessores no sultanato do Cairo perseguiu notoriamente os hanbalitas por instigação de um shafiita egípcio. O mesmo não ocorreu na Síria, onde o sufismo se desenvolveu, enquanto Alepo se tornava um centro xiita.

Em Bagdá, um novo Califa tentou libertar seu poder da tutela tribal. Ele quis reunir a comunidade em torno de sua pessoa, afirmando-se como sucessor do Profeta e Guia dos Crentes. Associou à sua política os xiitas, os sufis e os hanbalitas. Para melhor realizá-la, criou uma espécie de sociedade secreta da qual um hanbalita foi o teórico. Ele conseguiu eliminar o sultão seljúcida do Iraque e obter a adesão dos ismaelitas...

OS MONGÓIS, FUTUROS MUÇULMANOS

Ele, infelizmente, apelou aos Mongóis, que partiram do Lago Baikal desde 1202, contra o chefe seljúcida dos Corasmianos estabelecidos ao sul do Mar de Aral... preparando para seus sucessores sérios problemas; em última análise, a tentativa de unificação pela superação das variantes religiosas resultou em fracasso. Nasir foi até acusado de ter favorecido o xiismo, preparando assim a queda do Califado. Os três últimos califas seljúcidas praticaram uma política sunita sem sectarismo.

Mas os Mongóis aceleraram seu avanço. A tomada de Bagdá, o massacre dos sunitas, assinalaram sua vontade de atacar o Islã tradicional. Seu chefe era o general Khatbughâ, um turco-mongol nestoriano. Após a tomada de Alepo, ele se apoderou de Damasco, onde os cristãos da cidade manifestaram sua alegria. A derrota dos Mongóis em Ain Jalut em 1260 frente aos Mamelucos do Egito deteve a invasão. Os Mongóis permaneceram no Iraque e na Pérsia. Em Damasco, o bairro cristão foi saqueado pelos muçulmanos, que reencontraram sua unidade por esse feito de armas, e a grande igreja foi incendiada. Tendo o chefe dos Mamelucos tomado o poder, o centro do Sunismo passou do Iraque para a Síria e o Egito.

Enquanto o poder seljúcida se desagregava definitivamente, também terminava, no Magrebe, o domínio dos Almóadas. Em 1206, a tribo dos Banu Marin tomou Marrakech. Seguiu-se um fortalecimento do Maliquismo, acompanhado de um crescimento do sufismo, cujas confrarias se multiplicaram. Igualmente, o marabutismo ganhou camadas cada vez mais profundas da população.

ABUBACER E AVERRÓIS

O pensamento filosófico sofreu com isso. No entanto, no Magrebe e na Espanha ocupada, dois muçulmanos ganharam notoriedade pela exposição de suas reflexões sobre as relações entre a Lei revelada e a filosofia. O médico marroquino Ibn Tufail (Abubacer), falecido em 1185, expressou sua opinião sob a forma de um romance: a religião exotérica e revelada, por um lado, e a religião esotérica e racional, por outro, são apenas as duas faces de uma mesma verdade.

O cordovês Ibn Rushd (Averróis), 1126-1198, fiel seguidor de Aristóteles, fundou na própria sharia a legitimidade da filosofia. Ele estimava que o esforço pessoal é sempre recompensado. O erro, que pode levar a cometer um ato mau, é simplesmente menos recompensado do que a busca e a descoberta da verdade, fonte do ato bom...! Achando a filosofia mais preocupada em contestar suas certezas do que em ter verdadeiras certezas, ele a reduz a uma categoria de argumentos para obter a adesão de certos homens à lei muçulmana, que ele julgava superior a todas as outras religiões. Como bem compreendeu Jean de Fabregue, se Averróis sentiu "que não há lugar no Islã para uma atividade da inteligência filosofando diretamente sobre as coisas", ele se recusou a

conceder essa autonomia às atividades da razão, "pois compreendia que isso seria quebrar em seu coração a síntese islâmica". Além disso, Averróis retomou certas ideias de Avicena: ele também faz sair, emanar de Deus o primeiro motor, a primeira inteligência. Na morte, a corrupção afeta apenas o orgânico. O inteligível, em ação no corpo vivo, separa-se dele. Não se trata da alma no sentido católico. É uma certa quantidade do grande todo intelecto, que retorna nesse instante àquilo de que era oriundo. Esse intelecto — emanção de Deus — não pode, portanto, enganar-se. Qualquer que seja seu nível intelectual, cada muçulmano possui a verdade: não há, pois, necessidade de um magistério supremo...! Cada muçulmano poderá elevar-se e, finalmente, ensinar e dirigir seus irmãos. Ibn Sina havia reservado essa função apenas aos profetas.

Para retornar ao oriente, é preciso assinalar a obra de outro andaluz, o eminente sufi Ibn Arabi, morto em 1240. Iniciadas em seu país natal, continuadas no Egito e depois em Damasco, onde se fixou, suas reflexões deram origem a uma vigorosa escola de teosofia mística. Em sua teoria da autoridade profética, ele realizou uma generalização astuciosamente apologética de sua fé: "Deus testemunha a certos eleitos uma amizade particular, concedendo-lhes o conhecimento intuitivo das coisas da vida, o que faz deles os guias por excelência da humanidade. Este dom foi feito a Maomé antes da criação do mundo, em perfeição. Daí, para ele, essa qualidade única, esse espírito emanado de Deus, que fez do Profeta o verdadeiro advertidor e legislador, que vem terminar, encerrar a revelação divina. Se Maomé é o último dos Profetas surgidos nesta terra, haverá apesar de tudo, até a ressurreição, santos, amigos de Deus. Todos os profetas que existiram, todos os santos e apóstolos passados, presentes e futuros, participam do espírito maometano insuflado por Deus antes da criação do mundo. Portanto, CQD (como se queria demonstrar), todas as leis reveladas pelos profetas, inclusive Nosso Senhor Jesus Cristo, não são senão as manifestações mais ou menos parciais no tempo da religião universal, que não é outra senão o Islã, religião terminal da humanidade...!"

O Egito, com os mamelucos de Baibars, tornara-se a terra de eleição do sunismo. Em 1262, o novo Califa do Cairo, Al-Hakim, glorificou os Abássidas e reafirmou solenemente a obrigação de a Comunidade ter à sua frente um Imã de descendência coraixita e lançou o apelo à guerra santa contra os inimigos do islã. Por esse fato, as quatro escolas sunitas foram tratadas em pé de igualdade, com, no entanto, uma ligeira vantagem para o chafeísmo. O Egito soube impor sua tutela sobre Medina e Meca, e a manifestava enviando a cada ano o véu destinado a cobrir a Caaba.

Baibars empreendeu uma campanha vitoriosa contra os Cruzados, que conservaram apenas Marqab, Trípoli e São João de Acre. Na Capadócia, repeliu os Seljúcidas e seu aliado mongol... Os Ismailitas sofreram o esmagamento, o massacre e a dispersão. Na Síria, fizeram sua submissão. Muitos encontraram refúgio na Índia, onde sua comunidade conservou até nossos dias uma espantosa vitalidade.

Em 1281, o chefe mongol Ahmad Takudar convertia-se ao Islã. Sem atrapalhar o desenvolvimento do xiismo no Iraque, ele devolveu aos sunitas algumas fundações piedosas. Sobre tudo, viveu em paz com os Mamelucos, o que permitiu aos novos chefes do Cairo acabar com os Francos. Após várias tentativas de revanche duramente reprimidas, o chefe mongol de Bagdá aderiu ao xiismo, depois seu sucessor fez-se sunita pela paz com o Cairo. A partir de 1432, as perseguições contra o xiismo recomeçaram. Tornaram-se oficiais na Síria em 1368.

OS OTOMANOS — RUMO A UMA PÉRSIA XIITA

Mas as cartas do poder político-religioso islâmico estavam em vias de ser redistribuídas. Os Otomanos ampliavam, desde 1290, suas possessões. Pela tomada de Bursa e de Niceia, instalavam-se solidamente de um lado e de outro do mar de Mármara. Na Pérsia, a confraria dos sufistas safávidas, os homens do barrete vermelho de doze gomos, organizara-se e ia conquistar o poder. O raide de Tamerlão, partindo de Samarcanda em 1365, para conquistar a Ásia ao norte do Sunismo, permitiu-lhe alcançar Bagdá, Bursa e Esmirna... antes de voltar para casa por volta de 1420. Sua vitória humilhante sobre os Otomanos permitiu a Bizâncio respirar por algum tempo, mas em 1453, Constantinopla e Santa Sofia sucumbiram. A Porta estendia-se pela Europa central, os Mamelucos assinaram a paz: a unidade sunita islâmica parecia estabelecida.

Retomando a luta contra seu irmão inimigo, o chefe safávida Xá Ismail, que se dizia descendente do VII Imã, arrastou os xiitas à revolta e depois à secessão. Denunciando o sunismo como herético, conseguiu, de 1502 a 1515, talhar um império do Eufrates ao Cáspio, com Tabriz por capital e estendendo-se até o Afeganistão. Assim começou uma verdadeira guerra santa entre os sunitas sob a bandeira otomana e os xiitas representados pelo Xá da Pérsia. Massacres, pilhagens, destruições recíprocas sucederam-se. O Xá Abbas marcou o apogeu da Pérsia. Finalmente, os dois impérios, exauridos e decadentes, assinaram a paz em 1639: Bagdá permanecia sunita, mas Erevã, na Armênia, tornava-se xiita. A Pérsia estendia-se até a região de Kandahar, disputada ao Sultão sunita de Deli.

A paz não pôde durar com os Mamelucos. As forças otomanas anexaram o Egito em 1527, após sangrentas campanhas. O sultão otomano Selim tornava-se o soberano sunita mais poderoso do mundo, o herdeiro dos primeiros Califas.

Ele se aplicou em assentar o regime sobre a sharia e fez do sunismo hanafita a doutrina oficial. Uma verdadeira estrutura político-religiosa foi posta em prática, com Doutores da Lei a serviço do Estado. No topo da hierarquia situava-se o Grão-Mufti, fiador supremo do respeito à sharia e supervisor do corpo de Cádís formados no hanafismo. Esse sistema iria, bem ou mal, persistir até as vésperas do mundo contemporâneo.

Durante a dominação dos Mamelucos no Cairo, um dos mais importantes pensadores sunitas foi Ibn Taimiya (1263-1328). Ele devolveu ao hanbalismo uma forte influência, condenando violentamente o axarismo e a filosofia. Porta-voz da resistência aos Mongóis, soube pôr em dúvida a sinceridade de sua conversão ao sunismo. Estimando-os simpatizantes dos xiitas e dos Cristãos, predisse a constituição de um novo Estado xiita, para ele cismático. Exibindo opções de Fé conformes à tradição, sofreu, não obstante, numerosas perseguições policiais antes de ser exilado. Reabilitado pelo Sultão em 1310, retomou seu ensinamento no Cairo. Voltou a Damasco em 1326, para ali morrer dois anos mais tarde. Sua obra marcou e dividiu fortemente o Islã. Foi dirigida pela vontade de promover uma doutrina do justo meio, na qual razão, tradição e vontade concorreriam para formar um reformismo conservador, visando restaurar a unidade primeira.

Todas as escolas ou teorias conheceram, no mesmo período, um desenvolvimento certo. A obra de teologia dogmática escrita por Abu Mansur al-Maturidi (morto em 955) foi recolocada em honra diante dos maliquitas e dos chafeítas. No entanto, a vontade de aproximação dominou. O sufismo

aumentou o número de seus adeptos com os discípulos de Ibn Arabi. No mais importante, Ibn Sab'in (morto em 1270) opôs-se fortemente a Ibn Taimiya. Apesar de tudo, o número de confrarias aumentou rapidamente, com especificações diversas, tais como sufismo esotérico, sincretismo muçulmano, admissão de mulheres e de jovens, uso do haxixe, modas vestimentares persas, ritual acrescido de danças e de música, peregrinação ao túmulo de um santo...

Os teóricos do xiismo também haviam trabalhado. Sob a ocupação mongol, Nasir al-Din al-Tusi (1201-1274) foi um discípulo de al-Tusi. Ele escreveu um tratado apologético muito popular, verdadeiro "credo" dos duodecimanos. Seria ele a origem da conversão do Ilcan mongol de Bagdá ao xiismo e, por conseguinte, da penetração do imamismo nas populações iranianas. Consciente da diversidade interior do xiismo, denunciou os extremistas que viam nos Imãs uma encarnação da divindade. Foi também um adversário resolutivo do sunismo e de seu califado.

Ibn Abi Jomhur Ahsa'i, teólogo-teósofo, o mais representativo da gnose xiita, escreveu sua obra principal em 1324. Ele definiu o lugar da walayat (iniciação espiritual) no imamismo.

Portanto, desde a conquista do Egito, o sultão otomano e o sunismo hanafita governavam juntos. Essa associação incitou Abu-l-Su'ud Efendi (morto em 1574) a professar a necessidade de seguir as diretrizes do Sultão para interpretar a Lei. Um dos mais recentes ou um dos últimos hanafitas venerados foi Abd al-Ghani al-Nabulusi (1641-1731). No entanto, o sunismo hanbalista permanecia muito vivo, sabendo granjear a confiança da Porta. Participando do ensino dado na universidade de Al-Azhar, ia logo tomar, com Muhammad b. 'Abd al-Wahhab, uma orientação mais militante.

A penetração otomana no Magreb a partir de Argel e dos portos controlados pelos corsários com o apoio dos regentes-governadores, os Paxás de Argel e Túnis, não permitiu que o sunismo hanafita se espalhasse melhor. A associação ou a mistura do maliquismo, do sufismo e do marabutismo resistiu. Em Marrocos, o fracasso foi ainda mais acentuado. As dinastias xerifianas, embora lutassem contra os católicos, afastaram vigilantemente os otomanos dos assuntos do Reino. O movimento marabúutico, através da confraria de Dila, conseguiu criar um estado com Fez, Meknès e Salé. Uma tribo do Tafilalet, os alauítas, e seu sultão Moulay Muhammad (1636-1663) refizeram a unidade de Marrocos em seu próprio benefício. O sucessor Moulay Isma'il (1672-1727), ao mesmo tempo que retomava algumas praças dos cristãos, organizou a fronteira oriental com Taza, em marcha defensiva contra os otomanos. Essa oposição decorria do sincretismo já mencionado e colorido pela ideologia ávida.

OS WAHABITAS

O apogeu da dinastia marroquina coincidiu com o aparecimento, no coração da Umma, na Arábia, do movimento wahabita, ferozmente tradicional. Seu fundador, Abd al-Wahhab (1703-1792), incorporou em sua obra as ideias de Ahmad b. Taimiya. Após numerosas vicissitudes, em 1744, um pacto foi concluído entre o teólogo e o Emir Muhammad b. Sa'ud, do oásis de Dar'iyah. Eles juraram fidelidade recíproca para fazer reinar, ainda que pelas armas, o reino da palavra de Deus.

O Wahabismo tinha como objetivo, no momento em que o Império Otomano dava os primeiros sinais graves de decadência e o xiismo consolidava sua penetração na Pérsia e no Iraque, construir e organizar um estado sunita segundo a pureza primeira do Islã, recusando todas as inovações

suspeitas ou superstições populares. No espírito de seus fundadores, esse estado deveria, como no tempo dos Companheiros, estender-se a partir do Najd, não apenas à península arábica, mas também ao conjunto dos países árabes, e até mesmo a toda a Umma!

Todas as seitas não sunitas foram combatidas: mu'tazilitas, kharijitas, xiitas, confrarias sufitas. Hostil à teologia dogmática, aboliu as fundações que asseguravam a subsistência aos religiosos "pensadores" e destruiu ou colocou no Index obras de mística. Campeões intransigentes da unicidade divina, os wahabitas ou "unitários" pretendiam instaurar o reino da palavra de Deus e Seu serviço, individual ou coletivamente, usando os meios que Ele próprio prescrevera a Maomé.

Após ter destruído em Karbala o mausoléu do Imam Hossain – para os xiitas, esse crime é imperdoável? – o Estado wahabita foi submerso pela repressão conduzida conjuntamente pela Porta e pelo Paxá do Egito.

Foi restaurado duas vezes. Finalmente, a partir de 1901, o Emir Abd al-Aziz estabeleceu definitivamente o reino wahabita da dinastia saudita.

O wahabismo encontrou, fora do Reino da Arábia, partidários ou, pelo menos, simpatizantes. Se sua penetração foi bem-sucedida nos Emirados do golfo pérsico, foi votada ao fracasso no Iêmen, onde o zaidismo era muito vigoroso. A influência "unitária" também se fez sentir no Iraque e um pouco em Marrocos.

Os adversários dos wahabitas os consideravam seres fanáticos, exaltados religiosos. O progresso econômico e a solidariedade árabe-muçulmana demonstrados pelo poder saudita não parecem ter mudado as bases de sua ideologia, embora a agressividade xiita iraniana possa atenuar, na opinião internacional, uma aplicação estrita da sharia e o proselitismo a favor de seu retorno nos estados árabes.

O xiismo, de fato, retomou a guerra santa. É indispensável analisar um pouco melhor os fundamentos dessa variante islâmica e sua evolução até os dias atuais.

O XIISMO

Ele conseguiu praticamente sua inserção territorial na antiga Pérsia, que se tornou o Irã, quando o Xá Isma'il tomou o poder em Tabriz, em 1501. A religião foi purificada por teólogos vindos da Síria e do Bahrein. Apesar de um poder forte, como o do Xá Abbas I (1588-1629), a interpretação da vontade do Imam oculto foi confiada aos teólogos mais qualificados, expressando o consenso da comunidade, e não ao soberano safávida, descendente do profeta. Ao contrário do sunismo, houve muito cedo uma espécie de separação dos poderes, com vigilância do temporal pelo espiritual. Uma administração religiosa foi estabelecida, perpetuando-se até o século XX.

Os xiitas se separaram dos "homens da tradição", sunitas, permanecendo fiéis ao IV Califa, o Imam Ali, esposo de Fátima al-Zahra, filha do profeta, por ocasião da arbitragem de Siffin, em 655. Em 658, Ali renunciou ao poder e foi assassinado dois anos depois.

Para os xiitas, 658 é o ano da separação entre o Califado e o Imamato.

O Califado, exclusivamente temporal, tem como único papel manter a sucessão temporal de Maomé, ou seja, o respeito e a aplicação da shari'a.

O Imamato é concedido a homens que fazem parte dos Quatorze Infalíveis (Maomé, Fátima e os Doze Imames). Esses catorze personagens, explica Henry Corbin, pré-existiam anteriormente à humanidade adâmica; ao que as ciências humanas chamam de pré-história: humanidade seráfica, criaturas humanas de pura luz, imaculadas, preservadas de toda queda, os primeiros seres criados antes de tudo. Eles formam a elite entre Deus e a criação, aqueles que respondem pelo Deus inacessível. Eles são o Rosto divino revelado aos homens...

Os doze Imames são a manifestação, no plano terrestre, dos poderes cosmogônicos. Integram-se numa estrutura em planos hierarquizados numa descida de universo em universo até o mundo do homem terreno. Recebem dos espíritos angélicos a inspiração e os altos conhecimentos.

Tendo Maomé sido o último Profeta, Revelador da última lei religiosa ditada por Deus, Ali, o Imam, marca o fim da iniciação espiritual destinada a todos os homens, e o início da transmissão secreta da revelação divina, pelos Imames, aos seus amigos e adeptos mais próximos. Trata-se de uma iniciação progressiva esotérica. Os Doze Imames sucederam-se na terra na ordem de seu desabrochar pré-eterno. Essa origem e essa missão dos Imames procedem de uma ideia de religião universal. O Xiismo se pretende ecumênico, destinado a todos os homens...

O XII Imam, Mohammad al-Qaim (o Ressuscitador) ou al-Mahdi (o Guiado), desapareceu no dia da morte de seu pai, o XI Imam. ELE NÃO MORREU. Sua mãe seria uma princesa bizantina descendente de Simão Pedro. Essa filiação permite ligar os dois ciclos de sucessão espiritual, o de Jesus e o de Maomé, reforçando, desse modo, a ideia de universalidade da religião xiita.

Este XII Imam deve voltar à terra (parusia) como Imam anunciador da Ressurreição. Ele será o selo da iniciação espiritual no interior do Imamismo.

Os Duodecimanos sempre consideraram ser os únicos depositários, em sua totalidade, da verdade revelada.

Sua teodiceia recusa qualquer compromisso com o antropomorfismo dos teólogos que, como os sunitas, atribuem a Deus qualificações emprestadas do mundo de suas criaturas.

Eles dotam o homem do livre-arbítrio. Esse poder de escolha em seus atos, recusado pelos sunitas, permite deixar Deus ser Sabedoria e Bem absoluto, recompensando sempre os bons e não sendo responsável pelo mal neste mundo.

Em oposição aos sunitas, que consideram Profetas e Imames como homens suscetíveis de mentir e de cometer erros ou infrações à Lei, os Xiitas conferem a essas emanções de Deus na terra impecabilidade e infalibilidade... Para eles, em qualquer época que seja, haverá sempre um Imam. Ora, a priori, nenhum homem, religioso, muito instruído, justo, equitativo, perfeito, isento de defeito, o melhor de seu tempo, se existisse, poderia ser apenas um Imam substituto, pois o número definitivo de Doze foi fixado pela vontade criadora de Deus. Seria necessário que ele fosse designado pelo próprio Deus de forma manifesta. Parece, portanto, que, pouco a pouco, desenvolveu-se no interior do xiismo, a única variante islâmica que se diz formada "pelas pessoas

da Família" e assegurada de ser salva, uma ideia, sempre incompatível com o Sunismo: a religião xiita consiste antes de tudo em obedecer a um homem dotado de uma ciência providencial e divinamente assistido para vir restabelecer a justiça numa sociedade dividida e tiranizada...!

Essas diferenças fundamentais entre os Xiitas e os outros Muçulmanos influenciam a aplicação dos princípios do direito, embora as fontes sejam as mesmas. As obrigações religiosas são idênticas.

Do ponto de vista do casamento, apenas os xiitas admitem o casamento "de prazer" ou casamento temporário, como se praticava na Arábia, no tempo do Profeta... Todos os islamólogos não iranianos concordam em ver aí, evidentemente, uma forma de prostituição legal...

A grande festa religiosa é o luto (muharram) de um mês, em memória da morte do III Imam em Karbala, em 680: choro, flagelações, evocações do drama, procissões com vestes pretas...

Da mesma forma, se a peregrinação a Meca mantém toda a sua importância, a visita aos túmulos dos Santos: Imames e todos os seus descendentes, personagens "sinal de Deus na terra", tem um valor todo especial. Os principais, sobretudo situados no Iraque, são o mausoléu de Huceine em Karbala, e depois os túmulos das cidades de Najaf, Samarra e Kazemain. No Irã, são particularmente visitados o local do martírio do VIII Imam (Reza) em Mashhad e o mausoléu de sua irmã em Qom, perto de Teerã. Como foi assinalado, sem ter uma verdadeira estrutura eclesiástica, o xiismo foi dotado pelo Xá de um ministro dos Assuntos Religiosos, que mais tarde foi substituído pelo Chefe dos Mulás. Ele tinha um representante em cada cidade.

O mulá faz parte oficialmente dos "teólogos". Estes fazem seus estudos corânicos seja na universidade de Qom, em Mashhad ou numa escola (madrassa) de uma cidade.

Usam o turbante como o Profeta, a barba, o manto e as sandálias. O turbante preto só seria usado pelos teólogos que se afirmam descendentes de Maomé. Este teve cerca de dez esposas legítimas e duas ou três concubinas. A filiação que confere a cor preta é exclusivamente, como para os Imames, aquela por Cadija e a única filha do Profeta, Fátima? Muitas vezes filhos de teólogos, os estudantes viviam inteiramente nas escolas. Formavam-se espécies de famílias, e até dinastias de teólogos.

Os estudos na universidade teológica de Qom ou Mashhad compreendiam três ciclos ou níveis. Primeiramente, quatro anos necessários para adquirir o domínio completo do árabe literário. Depois, cinco anos de ensino do direito muçulmano, "a ciência da lei" e dos princípios básicos por meio de livros clássicos. Por fim, um ciclo superior de duração indeterminada durante o qual o Mestre escolhido ministra seu curso... Em nenhuma etapa dos estudos há intervenção de exames ou controle. O sistema tradicional é o da "estima não codificada". Uma espécie de cooptação pelos Teólogos já estabelecidos.

O título "Aiatolá" (sinal milagroso de Deus) cabe aos teólogos considerados dignos de praticar oficialmente a interpretação da vontade do Imã oculto, e que receberam de seus mestres uma permissão para ensinar matérias teológicas. Trata-se, a princípio, de uma hierarquia correspondente a graus de iniciação esotérica de mestre para aluno escolhido...

O título honorífico "Hojjat al-Eslâm" (prova do Islã) é dado aos teólogos de alto escalão... mas não definido.

O mulá é o teólogo de nível mais baixo, tendo apenas alguns anos de estudos corânicos. Ele desempenha, nos diversos grupos humanos, o papel de líder espiritual de sua comunidade: diretor da oração, orador de sexta-feira, salmodia a tragédia de Karbala e celebra casamentos. Sua subsistência é garantida em parte por doações, em parte por um trabalho pessoal remunerado.

Esses teólogos (mojtahed) refletiram muito sobre o problema do governo da Cidade, já que ninguém pode se comunicar com o 12º Imã oculto. Outra dificuldade: a existência, desde o início do século XVI, de um poder temporal forte que permitiu ao xiismo perdurar, mas que frequentemente se opôs à opinião dos Mojtaheh.

As soluções teológicas propostas ao longo de quatro séculos podem ser agrupadas em três categorias que parecem evoluir no sentido da história...

a) Somente o governo do Imã é perfeito. Ele será realizado com a vinda do Mahdi. Qualquer outra forma de governo é imperfeita. Desde os Safávidas, a monarquia é considerada a forma menos imperfeita.

b) Decisão de recusar o vazio político e religioso causado pela grande ocultação e obrigação de confiar no sábio teólogo ou no jurista religioso considerado por seus pares (?) como o mais qualificado, o mais instruído, o mais justo. Essa função, ao mesmo tempo teológica e política, podendo ser reconhecida e aceita por um soberano.

c) Teólogos modernos, dos quais se falará novamente, vão muito além ao buscar suprimir todo poder temporal, mesmo que mínimo. Considerando que a função de "Guia" não desaparece com a ocultação do 12º Imã, eles fazem do Imamato o símbolo da "liderança" política e religiosa. Os tradicionalistas reservam o poder apenas aos religiosos, que seriam os únicos capazes de expressar o consenso, e, portanto, ao seu chefe. Alguns outros recusam essa preeminência exclusiva dos mojtahed e querem buscar o consenso dirigindo-se ao conjunto dos muçulmanos, colocados em pé de igualdade, defendendo uma espécie de descentralização com assembleias se reunindo em vários pontos do território.

Esses teólogos do século XX não farão senão acentuar sua pressão sobre o poder civil, para finalmente instaurar sua orgulhosa e pouco caridosa dominação sobre uma massa sabiamente doutrinalizada.

Eles são a ponta de lança dos pensadores e dirigentes xiitas que recusam a evolução da sociedade muçulmana pela adaptação, mesmo parcial, das estruturas laicas, tolerantes e liberais ocidentais, ao mesmo tempo que desejam adquirir os progressos científicos e técnicos.

Muito próximos pela ideologia dos Irmãos Muçulmanos sunitas, eles querem apagar o trabalho realizado pelo Xá e reativar o controle da autoridade do Alcorão, da Sharia e do Direito muçulmano tradicional sobre a sociedade.

Após ter participado ativamente da eliminação do regime anterior, mulás e aiatolás se apoderarão diretamente do poder político e implementarão, sob o nome de "República Islâmica", uma teocracia implacável, com sua inquisição e seu super-aiatolá servindo como guia infalível e indiscutível.

Esse islã revolucionário – que se diz popular, como todos os governos marxizantes – atualiza a crítica social do Alcorão e quer se tornar um instrumento de dialética e insurreição mais assimilável e prático para as massas muçulmanas do que as diretrizes do comunossocialismo ateu.

Essa evolução radical e integrista do Xiismo... e do Fundamentalismo ocorreu durante o longo amolecimento das Escolas Sunitas. Enclausuradas em suas tradições e protegidas pelo poder estabelecido, elas cederiam grande parte de sua autoridade social, primeiramente aos "colaboradores" do Ocidente mercantil, depois aos diversos nacionalistas que, cedo ou tarde, não poderiam senão retornar ao islã puro e duro.

L. D.

Revision #7

Created 13 September 2026 14:10:35 by Admin

Updated 13 September 2026 15:30:16 by Admin